

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: Kaiapó KYROOPIE

Data: 8 de abril de 1984

Pg.: _____

“Despacho” de índio com pombo vivo assusta Funai

Brasília — Tudo começou com um sofisticado despacho colocado no último dia 21 de março na entrada da sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), que deixou os funcionários no tanto apreensivos. Não tanto pelas tradicionais velas, cachaça e galinha preta, mas sobretudo pela presença de pombos vivos, peados, que traziam fitas no pescoço com os nomes dos diretores do órgão.

Descoberto o “trabalho”, funcionários se incumbiram de soltar as aves, mas, por uma razão qualquer, o pombo com o nome de “Otávio Ferreira Lima” (presidente da Funai) veio a falecer. Coincidência ou não, a verdade é que, depois do episódio, a Funai vem passando por momentos difíceis.

Grito de guerra

No último dia 24, 80 guerreiros txucarramães se aprontaram para a guerra, bloquearam a BR-80 e seqüestraram a balsa que faz a travessia do rio Xingu, em sinal de protesto contra a quebra de palavra de Ferreira Lima, que prometera negociar com a tribo a extensão de 118 mil hectares de suas terras e na última hora desmarcou o encontro.

Segundo uma fonte do Palácio do Planalto, foi o próprio Conselho de Segurança Nacional que vetou a ida do presidente da Funai ao Xingu por ter tido informações de que os índios, queriam seqüestrá-lo para negociar as terras. Mas, para os txucarramães e demais índios não interessou de quem veio a ordem, e a relutância de Ferreira Lima em ir ao local fez com que a reunião das lideranças indígenas, realizada no período de 2 a 4 de abril últimos, “explodisse”, como observou o líder indígena Airton Krenak, da tribo mineira do vale do rio Doce.

— Muitos índios que não vinham à reunião resolveram vir para aumentar o movimento de repúdio ao presidente da Funai e de luta contra uma legislação danosa a toda raça — explicou Airton, 30 anos, integrante da União das Nações Indígenas.

O encontro

Foi a segunda reunião de lideranças indígenas em Brasília, mas, pela primeira vez, contou com uma grande representatividade — cerca de 300 lideranças que iam dos galibis do Oiapoque (Amapá) aos guaranis do Xuf (Rio Grande do Sul) e com uma surpreendente união de pensamento sobre os pontos básicos que foram discutidos durante o encontro.

Todos os líderes se mostraram contrários ao projeto de emancipação do índio, à redação do novo Código Civil que os torna totalmente incapazes, ao decreto que permite o funcionamento de empresas de mineração em terras indígenas e ao Decreto 88.118/83, que tirou da Funai a responsabilidade de demarcar suas terras.

Ao contrário do primeiro seminário de lideranças, realizado em 1982, os líde-

res ignoraram desta vez a sua tutora, a Funai e o Ministério do Interior. Não os convidaram a participar das sessões e evitaram ir a qualquer um dos dois órgãos para encaminhar as reivindicações básicas do seminário. “A gente não confia mais no Andreazza nem na Funai”, explicou o cacique xavante Aniceto.

Apesar do “desprezo”, a Funai e o Ministério do Interior colocaram tropas de choque nos seus edifícios temendo uma invasão pelos indígenas, enquanto eles se reuniam pacificamente no Congresso Nacional.

No primeiro dia, votaram com um levantar de mãos o documento em que solicitam ao Presidente da República a troca do presidente da Funai por qualquer um dos três nomes escolhidos por 60 representantes de comunidades indígenas: Dalmio Dalari (jurista), Carlos Moreira Netto (antropólogo) e Pedro Paulo Fatorelli (ex-superintendente da Funai na primeira gestão do Ministro Andreazza).

No segundo dia, mais de 50 índios entregaram ao procurador-geral da República, Inocêncio Mártires Coelho, o abaixo-assinado por 360 índios pedindo sua interferência para tornar inconstitucional perante o Supremo Tribunal Federal o Decreto 88.118, que atribui a uma comissão formada por representantes dos Ministérios do Interior, de Assuntos Fundiários e Governo Estadual a demarcação de suas terras.

Desde que o decreto foi assinado, em janeiro do ano passado, nenhuma terra foi mais demarcada e, para o assessor do Deputado Mário Juruna, o indigenista Odenir Oliveira “dessa comissão não vai sair nenhuma demarcação pois cada um dos órgãos integrantes tem seus interesses e, o que é mais grave, totalmente diversos”.

Depois do projeto de lei do Deputado Mário Juruna, que tramita no Congresso e propõe uma mudança na diretoria da Funai, passando ela a ser administrada por um conselho misto de índios e pessoas apontadas pelas comunidades indígenas, o assunto mais discutido pelos líderes que subiram a plenário foi a questão das suas terras.

Indignação

O cacique Saracura, da tribo pataxó de Pau-Brasil (BA), participou do encontro vestido a caráter “para lembrar a tradição de que eles foram os primeiros a serem descobertos pelos portugueses”. Subiu à tribuna no último dia e implorou aos deputados e à imprensa para que não deixassem Antônio Carlos Magalhães ser ministro do Interior.

— Estou sabendo que ele vai ser, e se for será o fim dos pataxós. Ele é perverso e roubou as nossas terras nas vésperas das eleições para fazer campanha quando era governador. Loteou tudo. É a gente tem que arrebentar com esse homem — falou Saracura.

Desceu da tribuna em meio aos aplausos efusivos dos índios, para dar lugar a líder Quitéria Pancararu, de Petrolândia (PE). Embora ela guarde toda a memória da tribo, como documentos de doação de terras pelo Governo à tribo, disse que nada disso adiantava.

Mística, como todos os índios do Nordeste, e com um sotaque típico da região, ela disse que as cinco mil pessoas da sua tribo que antes viviam da agricultura de subsistência hoje têm que sair à noite às escondidas para colher material para fazer artesanato, pois todas as suas terras foram tomadas pelos fazendeiros que rotineiramente os ameaçam de morte caso penetrem nas suas propriedades.

Outra mulher que se destacou no encontro foi a bororo Hermelinda de Arruda, que, apesar de ter 49 anos aparentava, 60. Fugiu da tribo, segundo ela, para participar do encontro. Foi a única que pôde sair, pois, conforme explicou, por ter conhecimento do seu estado de saúde grave, o chefe do posto da Funai permitiu que deixasse a aldeia para se consultar no posto médico da aldeia vizinha.

O seminário, programado em novembro de 1983 e com a colaboração financeira de várias entidades católicas internacionais (cerca de Cr\$ 19 milhões), contou também com a participação de vários deputados da oposição. Nenhum do PDS participou do encontro.

O incidente não agradou o Deputado Mário Juruna, que se esqueceu da ameaça de cassação do seu mandato e voltou a acusar o Governo de corrupto “e de fazer mal ao índio. Eu sei que aqui no Brasil quem manda é estrangeiro. O presidente do INCRA é japonês, o presidente da Petrobrás é japonês, mas o Brasil é dos brasileiros e dos índios”, disse ele.

E enumerou os fatos. A assinatura dos decretos de mineração em áreas indígenas, a exposição de motivos 055, que permite policiamento ostensivo nas aldeias, do Decreto 88.188, a tramitação do novo Código Civil e do projeto que emancipa os índios. Por outro lado, ele acha que a eleição de Juruna para o Congresso Nacional e a invasão da Funai pelos índios no ano passado, que culminou na saída do então presidente Paulo Leal, deu-lhes força para continuar a luta.

Os índios ontem à tarde começaram a viajar para os seus estados. Eles estavam acampados no campus da União dos Escoteiros de Brasília. Uma comissão de líderes ficará em Brasília até o final da próxima semana à espera de alguma resposta pelo Palácio do Planalto às solicitações.